

## **ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: A FEITIÇARIA EM INGLÊS DE SOUSA.**

Por Alexandre Francisco Solano<sup>1</sup> (onalos2@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Pensar a relação entre o profano e o sagrado, por meio da Literatura brasileira e da História, é a intenção do presente artigo. Nesse sentido, a análise de obras ainda não consagradas, como os *Contos amazônicos* do escritor Inglês de Sousa, leva-nos a construir novas imagens da feitiçaria no Brasil e de elementos que permeiam a cultura nacional. Dos sortilégios às práticas divinas, encontramos não só o imaginário do homem religioso, como também a presença do discurso científico e um caminho para rediscutirmos as transfigurações do mito de Medeia.

**PALAVRAS-CHAVE:** HISTÓRIA – LITERATURA – PROFANO – SAGRADO.

**ABSTRACT:** The intent of this article is to think the relationship between the profane and the sacred, through the Brazilian literature and History. In this sense, the analysis of unknown works such as *Contos Amazônicos* of the writer Inglês de Sousa, helps us build new images of witchcraft in Brazil and elements of national culture. The divine to the profane, we find not only the imagination of the religious man, but also the presence of scientific discourse and a way to discuss about the transfiguration of the myth of Medeia.

**KEYWORDS:** HISTORY - LITERATURE - PROFANE - SACRED

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia, com bolsa de apoio a pesquisa CAPES, e graduado em Letras e História pela mesma universidade. Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura.

“Não, Nosso Senhor  
Não há de ter lançado em movimento terra e  
céu  
Estrelas percorrendo o firmamento em  
carrossel  
Pra circular em torno ao Criador

Ou será que o deus  
Que criou nosso desejo é tão cruel  
Mostra os vales onde jorra o leite e o mel  
E esses vales são de Deus”

(*Sobre todas as coisas* – Chico Buarque de Holanda)

A cada gesto, olhar, passos, pensamentos, o ser humano carrega uma imprecisão: a sua convivência com o profano e com o sagrado, simultaneamente. Mesmo em nossa sociedade ocidental, na qual o pensamento pauta-se na dicotomia (Profano X Sagrado; Deus X Diabo; Ódio X Amor; Mulher X Homem; Noite X Dia), temos ciência de que não há como pensar o domínio do religioso sem o peso do terror e do fascínio, recorrentes às nossas divindades. Simultaneamente, Deus é capaz de punir e perdoar e nós somos aptos a aceitá-lo ou não. Há, amiúde, aqueles que estão no intermédio dessa ambigüidade, não aceitam nem o diabólico e muito menos o sagrado, encontrando um equilíbrio ou, talvez, a descrença religiosa.

Não só a filosofia permite-nos pensar essas condições inerentes às ações humanas, como a literatura é, também, um excelente caminho para refletirmos sobre o homem e a sua realidade. Através de obras conhecidas, como *Medéia* de Eurípedes, a *Canídia* de Horácio, a *Circe* de Homero, *A benfazeja* de Guimarães Rosa, *Gota d'água* de Chico Buarque, podemos explorar esse universo que tangencia as relações entre o profano e o sagrado, principalmente a partir de figuras que problematizam a natureza feminina, como é o caso da personagem Medéia e as distintas interpretações dadas a essa personagem desde o mundo grego até os dias atuais.

Contudo, mesmo que cada período histórico guarde olhares diferenciados para esses trabalhos já consagrados, sabemos que tais análises, à luz de seu tempo, sofrem influência de um passado, que nos torna ainda mais cativos da dicotomia acima aferida. Nesse sentido, literatos desconhecidos nos fornecem interpretações distintas,

que não vão ao encontro de críticas já instituídas. Embora, na maioria das vezes, esses autores não consigam fugir desse caráter antitético, ora sublime e ora terreno, revelam facetas interpretativas ainda não elaboradas.

Faz-se necessário, assim, resgatar escritores, como o paraense Inglês de Sousa, que tragam novas configurações para temas como a feitiçaria, o diabólico, o divino, ou seja, as relações do homem com o sobrenatural. Aliás, não só resgatá-los como objetos de pesquisa, mas como figuras legitimadoras de nossa literatura, plausíveis de serem apreciadas pelo público leitor.

O escritor, jurista e político Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), apesar de ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos primeiros a introduzir a escola Naturalista no Brasil República, enfrenta hoje um esquecimento dos críticos literários e do público. Assim, para que não nos tornemos passíveis a esse esquecimento,

*[...] a memória deve ser vista, na verdade, como a faculdade na qual seu atributo mais imediato seria garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao tempo que muda, às rupturas que são o destino de toda vida humana: em suma ela constitui [...] um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.<sup>2</sup>*

Desse modo, haveria entre a memória e a identidade uma estreita relação, possibilitando-nos o reconhecimento do outro e de nós mesmos. Inglês de Sousa e o lugar de sua obra dentro da literatura nacional trazem, além de uma reflexão sobre o naturalismo e o homem amazônico, o entendimento dos elementos que compõem a nossa cultura ao longo dos anos. Garante, na verdade, a ininterrupção de um tempo que nos permite criar novos conceitos e significados para os temas do nosso dia-a-dia.

Ainda sob esse viés da continuidade, podemos observar que a historiografia literária ao alocar seus escritores em escolas ou correntes, que aproximam tendências estéticas e semânticas, dá possibilidade a um panorama clássico literário, bem como a construção de um cânone. Dessa forma, Inglês de Sousa, quando é incluído dentro da história clássica da literatura, insere-se no Naturalismo. Poderíamos ressaltar, segundo

---

<sup>2</sup> HENRY Rousso, In: Usos & Abusos da História Oral. Org. Marieta de M. Ferreira e Janina Amado, 1996: p.94-95

os críticos que o mencionam, seu profundo apreço pela questão factual e por análises psicológicas, mesmo que superficiais.

Com uma radicalização da escola realista, os naturalistas – como Sousa – tencionaram uma “releitura fiel” da realidade, ancorados principalmente na experiência, fruto do positivismo advindo dos estudos da sociologia europeia do século XIX. Há uma incessante busca para demonstrar que o homem é realmente determinado pelo ambiente e pela hereditariedade; os naturalistas ambicionam revelar facetas de um mundo que deve ser visto de perto, com suas cruezas e patologias.

Certa vez, Sérgio Buarque de Holanda, ao se referir à obra de Inglês de Sousa e suas características naturalistas, disse que: “É sensível seu desconforto todas as vezes em que se trata de descrever esse mundo cheio de mistérios e onde a vida civil parece mero acidente”<sup>3</sup>. Em outras palavras, Alfredo Bosi nos diz: “O fundo vinco urbano que marcava o positivismo de Inglês de Sousa, não conseguia, de fato, abrir-se à cor e ao perfume da vida selvagem, cor e perfume que Alencar, com todas as suas distorções captara”<sup>4</sup>.

Apesar de ter sido alvo de grandes críticos e de ter publicado obras importantes, como *O Cacauleta* e *História de um Pescador*, o romancista paraense é lembrado, quando isso acontece, pela obra intitulada *Contos Amazônicos*, publicada no ano de 1893. Além das características típicas da região amazônica, como a língua, os modismos e os costumes peculiares, de um ambiente mais restrito, podemos elencar questões que fazem parte de um universo mais amplo, abarcando elementos tanto da literatura brasileira como da internacional. O sortilégio, por exemplo, tão discutido na Europa, ganha espaço dentro da obra de Inglês de Sousa. Aliás:

*A feitiçaria, por um lado, e o ceticismo, por outro, são os indícios convergentes (um popular e outro intelectual<sup>5</sup>) da*

---

<sup>3</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1998, p.215.

<sup>4</sup> Idem, p.216.

<sup>5</sup> Como ainda atesta Certeau: “Os historiadores hoje deixam de bom grado o primeiro por conta da ignorância; mas, assim, eles adotam a interpretação que já era, exatamente, a dos missionários ou dos juizes do século XVII. Por aí, uns e outros não atestam o a priori social (novo, eu creio, no século XVII) que faz da participação no saber (definido por uma elite) a condição de pertença à sociedade, e deste próprio saber o meio de que dispõe uma sociedade para hierarquizar seus

*imensa contestação das instituições. Os melhores entre os teólogos recorrem à experiência do “iletrado”, da “moça” dos campos ou nos bairros urbanos populares. O retorno dos missionários para o interior faz dos campos [...] o lugar onde a renovação deve nascer, as origens santas de um recomeço apostólico em terras selvagens.<sup>6</sup>*

Entre o céu e o inferno, encontramos o narrador-personagem, o velho Estevão, num dos mais belos contos do romancista paraense, *A feiticeira*. Quase um missionário, apegado aos ensinamentos do todo poderoso e habituado aos decretos da providência, Estevão abjura a postura do tenente Antônio de Sousa, que se gaba por não crer em nada e por negar a própria Instituição. Nesse momento, observamos que a citação acima é válida, pois o tenente e o tema da feitiçaria se coadunam para contestar o próprio catolicismo.

Por outro lado, temos a figura do narrador, que representa um contraponto a tudo isso. O ancião, que aqui não se encontra à beira-mar, advertindo e praguejando sobre as possíveis desventuras daqueles que se lançavam nas empreitadas marítimas, parece estar em uma roda na qual se contam causos. Apesar das localidades diferentes, tanto o personagem de Camões, o velho do Restelo, como o Senhor Estevão guardam traços conservadores, que estão impregnados da tradição católica de seus respectivos períodos. É visível, em ambos, o medo pelo desconhecido, pelo misterioso, pelo obscuro. Crêem sempre naquilo que é contado por pessoas mais idosas, fidedignas, assombrando-se com a arte do inimigo, do desconhecido. Assim, observa o narrador de Inglês de Sousa:

*O tenente Antônio de Sousa era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem lobisomens e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério, e até*

---

membros ou para eliminar os “errantes”, não conformes à razão comum? Questão aberta”. C.F. M. de Certeau, *L’Absent de l’histoire*, Mame, 1973, p. 13-39, “Une mutation culturelle Et religieuse. Les magistrats devant les sorciers du XVII siècle; Marc Soriano, *Les Contes de Perrault*, Gallimard, 1968, p. 90-92.

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.135.

*de passear às 10 horas pela frente da casa do judeu, em sexta-feira maior.*<sup>7</sup>

Nesse trecho, podemos observar aspectos que não se resumem somente ao apego ao religioso, aos ensinamentos cristãos, ou mesmo a leviandade em relação à palavra, como a feitiçaria e o anti-semitismo. Notamos que há ainda a imagem do tenente Antônio de Sousa, que descrente, nega tanto as coisas de Deus, os “milagres” e os “santos”, como as “criaturas malignas”. O narrador alude que a “tal civilização”, “os maus livros”, “os livros novos” e as “rodas de estudantes” têm acabado com todas as boas crenças, o respeito ao religioso. Adverte-nos que:

*As coisas sagradas, os mistérios são cobertos de motejos, e, em uma palavra, a mocidade de hoje, como o tenente Sousa, proclama alto que não crê no diabo (salvo seja, que lá me escapou a palavra!) nem nos agouros, nem nas feiticeiras, nem nos milagres. É de se levantarem as mãos para os céus, pedindo a Deus que não nos confunda com tais ímpios!*<sup>8</sup>

Notamos aqui que as concepções divinas parecem prescindir dos seus próprios atributos: os agouros, as feiticeiras e o próprio diabo. Em outras palavras, como se as maleficências não tivessem uma afinidade bem próxima com o próprio criador, frutos de sua prodigiosa obra. Como se tudo não girasse em torno dele, ora para aclamá-lo e por vezes para reafirmá-lo, temê-lo. Nesse ponto de vista, temos a imagem da feiticeira, que desde o período greco-romano e, principalmente, na Idade Média adquiriu uma representação que “ajuda-nos” a lembrar como devemos proceder na fé e na obediência religiosa, na adoração incontestada do pai.

De curandeira à criatura maligna, de sedutora à mulher horripilante, caímos novamente na dicotomia, impossibilitando uma análise mais sólida, que assinale a importância da feitiçaria social e culturalmente. No princípio, como diz o historiador Jules Michelet, ela é a mulher, é tudo. No entanto, numa religião forte e viva, como foi o paganismo grego,

---

<sup>7</sup> SOUSA, Inglês de. A feiticeira. In: \_\_\_ *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.37.

<sup>8</sup> Idem., p.38.

*[...] começa com a sibila e termina com a bruxa. A primeira, virgem bela, em plena luz, embalou-o, deu-lhe o encanto e a auréola. Mais tarde, caído em desgraça, doente, nas trevas da idade Média, por pântanos e florestas, foi escondido pela bruxa [...]Circe! Sublime Sibila, ah! que é feito de vocês? E que bárbara transformação!...Aquela que, do trono do Oriente, ensinou as virtudes das plantas e a viagem das estrelas, aquela que na trípole de Delfos, radiante do deus de luz, proferia os seus oráculos ao mundo de joelhos – é ela, mil anos depois, que se expulsa como um animal selvagem, que se persegue nas encruzilhadas, amaldiçoada, acossada, apedrejada, atirada para os carvões que ardem! [...] O poeta (também criança) lança-lhe outra pedra, mais cruel para a mulher. Supõe, gratuitamente, que ela é sempre feia e velha.<sup>9</sup>*

Ainda que o historiador revele um profundo maniqueísmo, sob o viés da luz e das trevas, temos um importante resgate da trajetória trilhada pela mulher, sublime, conhecedora dos feitiços e dos benefícios das plantas que curam, até a desgraçada e acossada bruxa. Na Medéia de Eurípedes, no mundo grego, encontramos esses encantos de uma sacerdotisa que, mesmo após matar seus filhos, guarda o fascínio, sem que alce o patamar da bruxaria. Mesmo na crueldade dos seus atos, encontramos a mulher traída por Jasão; útil aos desígnios de um herói que oportunamente valeu-se dos feitiços dela para alcançar o seu intento: o velocino de ouro.

Melhor, para resgatar um dramaturgo pouco conhecido pelo leitor brasileiro, poderíamos refletir sobre a releitura do português Antônio José da Silva, o Judeu, na peça *Os Encantos de Medéia* (1735). Vivendo em um período caro à história de Portugal, a Santa Inquisição, no qual judeus eram perseguidos fervorosamente, o que nos instiga no caso de

*[...] Antônio José é a abordagem inteiramente diferente em lidar com o tema trágico, que nas mãos deste teatrólogo ganha graça, leveza e agilidade, convertendo-se o drama em comédia, mas sem deixar de denunciar. As inúmeras ironias e as brincadeiras dos bufões apontam de forma, ora direta ora metafórica, um país que viveu por muitos séculos*

---

<sup>9</sup> MICHELET, Jules. *A feiticeira*. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003, p.12.

*dominado pela mão severa dos inquisidores e que puniu com rigor as mulheres hereges e desafiadoras [...] Durante as leituras dos textos do Judeu, observamos, portanto, que há inúmeras referências à bruxarias, encantamentos mágicos, pactos diabólicos, e outras práticas de feitiçaria.*<sup>10</sup>

Mesmo inserido em um período conhecido como *Caça às Bruxas*, de 1430 a 1830, Antônio José, também alvo de perseguições devido a sua origem judaica, não demoniza a personagem Medéia; não a pune de forma trágica e não extingue a sua essência de feiticeira. Ao contrário, o brasileiro Inglês de Sousa, no conto *A Feiticeira*, durante a Primeira República do Brasil, dá lugar a uma mulher horrenda, a personagem Maria Mucoim. Desprovida de graça, era: “uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra que, quando se abria em um sorriso horroroso, deixava ver um dente – um só! – comprido e escuro”.<sup>11</sup> Tais atributos permite não só ao narrador, mas àqueles que o cercam, afirmar, na descrição pejorativa do outro, as suas crenças religiosas, negando a religião pagã tão abominada pela Igreja Católica. Assim, para conservadores e puritanos:

*[...] o objeto ideal para tal projeção era a bruxa, pessoa que personificava o mal conforme definido pela sociedade da época. Dessa maneira indireta, a bruxa forneceu aos indivíduos e à comunidade a oportunidade de recuperarem a confiança em seu próprio valor moral.*<sup>12</sup>

Desse modo, o narrador-personagem, Estevão, ao nos revelar os acontecimentos supostamente ocorridos com o protagonista Antônio de Sousa, revela uma preocupação exacerbada em imputar ao seu causo o respeito desmedido à religião, eximindo-se de qualquer transgressão e revelando o imaginário do homem amazônico, recheado de credices. Relata-nos que o tenente Sousa, ao realizar uma diligência policial na fazenda do companheiro Ribeiro, em fevereiro de 1873,

---

<sup>10</sup> PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A universidade e a formação do aluno leitor*. Uberlândia: EDIBRÁS, 2008, p.101-102.

<sup>11</sup> SOUSA, Inglês de. *A feiticeira*. In: \_\_\_ *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.39.

<sup>12</sup> LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.103.



interessou-se por conhecer a “feiticeira” Maria Mucoim, a quem todos temiam na região.

O tenente perseguiu-a como um inquisidor, só que destituído de qualquer fé, seja nos ensinamentos da Igreja ou na prática de sortilégios. Almejava, na verdade, provar que tudo isso, os adventos de Deus – e o próprio Diabo – não passavam de engodos daquela sociedade. Desmesurado, em suas atitudes, partiu entre os cacauais da fazenda do Senhor Ribeiro para encontrar a feiticeira. Nem teve o cuidado para entender os sinais da natureza, que segundo as pessoas da região, são capazes de anunciar o mau agouro. Quando saiu em busca de Maria Mucoim,

*[...] a tarde estava feia. Nuvens cor de chumbo cobriam quase todo o céu. Um vento muito forte soprava do lado de cima, e o rio corria com velocidade, arrastando velhos troncos de cedro e periantã enormes onde as jaçanãs soltavam pios de aflição. As aningas esguias curvavam-se sobre as ribanceiras. Os galhos secos estalavam, e uma multidão de folhas despregava-se das árvores, para voar ao sabor do vento. Os carneiros aproximavam-se do abrigo, o gado mugia no curral, bandos de periquitos e de papagaios cruzavam-se nos ares, em grande algazarra. De vez em quando, dentre os trêmulos aningais saía a voz solene do unicórnio. Procurando aninhar-se, as fétidas ciganas aumentavam com o grasnar do corvino a grande agitação do rio, do campo e da floresta [...] Tudo isso viu e ouviu o tenente Sousa do meio do terreiro, logo que transpôs a soleira da porta, mas convencerá a um espírito forte a precisão dos agouros que nos fornece a maternal e franca natureza?<sup>13</sup>*

Aqui percebemos claramente tanto os aspectos do naturalismo como do realismo, no qual o mundo pode ser explicado pelas forças naturais. O ser humano, aliás, sempre se encontra condicionado às suas características biológicas e ao meio social em que vive. Nesse sentido, a imaginação do velho Estevão, aquele que nos conta a história, está determinada pelos costumes típicos da região amazônica. Já o Tenente Sousa, mesmo inserido nesse local, traz influências e crê naquilo que

---

<sup>13</sup> SOUSA, Inglês de. A feiticeira. In: \_\_\_*Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.41-42.

aprendeu quando ainda tentara terminar a faculdade de medicina, daí sua desconfiança nos presságios daquele meio. Como já dito, sua mania de duvidar de tudo vinha das rodas de estudantes e de gazeteiros do Rio de Janeiro.

Mesmo com os avisos impetrados pelos seus olhos céticos, o protagonista continuou seu percurso entre as fazendas de cacau. Precisava saber mais sobre Maria Mucoim, pois a única informação que tivera tratava-se do auxílio que a feiticeira dava ao finado vigário da aldeia. A relação entre o padre e a bruxa nos sugere os estreitos laços entre o profano e o sagrado. Não obstante,

*[...] conforme mostrou Keith Thomas, muitas das práticas do Cristianismo medieval eram essencialmente mágicas, já que as pessoas acreditavam na sua capacidade de produzir certos efeitos pela simples manipulação, e não pela súplica a uma divindade. Os reformadores atacaram todas essas práticas, inclusive o sacramento católico de Eucaristia e a missa, da qual fazia parte, como supersticiosas e mágicas.<sup>14</sup>*

Tendo notícias apenas dessa ligação de Mucoim com o sacerdote João, o tenente não desistiu do seu intento. Continuou seu caminho até chegar num lugar ermo e macabro, onde se localizava a moradia da feiticeira. Foi ter com ela ainda no terreiro e tocando-lhe no ombro desejou “tirar a limpo” aquela “baboseira” sobre suas mandingas. Como resposta, Maria Mucoim pediu insistentemente que o branco se retirasse. Descontente, Antônio de Sousa entrou na casa da velha para observar se havia motivo ao temor guardado por toda aquela comunidade. No quarto uma surpresa ingrata:

*Ao fundo uma rede rota e suja; a um canto um montão de ossos humanos; pousada nos punhos da rede uma coruja, branca como algodão, parecia dormir; ao pé dela um gato preto descansava em uma cama de palhas de milho. Sobre um banco rústico estavam várias panelas de forma estranha, e das traves do teto pendiam cuiambucas rachadas, donde escorria um líquido vermelho parecendo sangue. Um enorme urubu, preso por uma embira ao esteio*

---

<sup>14</sup> LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.105.

*central do quarto, tentava picar um grande bode, preto e barbado, que passeava solto, como se fora o dono da casa.*<sup>15</sup>

Pela voz do narrador-personagem lemos os símbolos da bruxaria tão disseminados na Europa. Temos a clarividência, nessa passagem, da influência literária da Alta Idade Média na escrita de Inglês de Sousa. O ícone de maior destaque, no excerto acima, é o grande bode<sup>16</sup>, preto e barbado, que não deixa de ser uma alusão direta ao próprio demônio. O imaginário do homem amazônico, denunciado pelo romancista, deixa-nos óbvia a idéia da relação da bruxa Mucoim com o diabo. Como aferem Jeffrey Russel e Brooks Alexander:

*A idéia de pacto era crucial, porquanto serviu de remate para a demonização do feiticeiro. Um maleficus era, agora, por definição, alguém que faz um pacto com Satã. O pacto ajudou a distinguir a bruxaria da possessão. O Diabo pode possuir uma pessoa contra a vontade dela, mas o pacto pelo contrário, é sempre voluntário. A bruxa, portanto, serve ao Diabo por sua livre e espontânea iniciativa [...] O motivo do pacto, na lenda medieval, culminou na história de Fausto, o grande mago fictício da Renascença que firmou um pacto com o Demônio a fim de obter sabedoria e prazer sexual. A lenda misturou as tradições da magia superior e inferior, e manteve-se popular durante séculos, como testemunham o*

---

<sup>15</sup> SOUSA, Inglês de. A feiticeira. In:\_\_\_*Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.43-44.

<sup>16</sup> Por que o bode é a representação do próprio Diabo? A imagem do diabo deveria ser difundida entre os fiéis para que a crença em Deus se tornasse ainda maior, regida pelo medo e pelo próprio caráter antitético. Aliás, só poderia haver uma criatura boa, no pensamento ocidental, se houvesse um ser maligno. Isso é facilmente compreendido, quando observamos que todo ser é político e para tal precisa ter inimigos para superá-los. Essa dominação do homem sobre o próprio homem, desde o início dos tempos é, também, transferida a questão da divindade. Assim, Deus teria que ter forçosamente a sua oposição, ou seja, o Diabo. Para torná-lo mais claro na mente dos fiéis, durante o Concílio de Toledo, no ano de 447, os sacerdotes fizeram a primeira descrição do demônio, como um ser imenso e escuro, portador de chifres. Os animais mais próximos de tal descrição poderiam ser tanto o touro como o bode. Já que o touro (representação de Mithra) estava ligado a tradições Greco-Romanas e essas deveriam ser extintas, elege-se o bode. Ainda mais, não seria fácil descrever um feiticeiro montado num touro e isso consolidou o bode preto, com seus chifres grandes e com seu olhar obscuro.

*Dr. Fausto, de Marlowe (século XVI), e Fausto, de Goethe (século XIX).*<sup>17</sup>

Guardadas as diferenças, observamos que as tradições da “magia superior e inferior” mantiveram-se corriqueiras no ideário do ser humano, atingindo inclusive o ator paraense. O pacto aqui não é demonstrado claramente, mas nos é sugerido de uma forma velada. Aliás, sempre junto à imagem da bruxa, antes feiticeira, temos a do satã<sup>18</sup>.

Voltando ao quarto da nossa “feiticeira”, podemos também recortar a simbologia ou a representatividade do gato. Acreditava-se, desde os tempos de outrora, que a bruxa poderia transferir seu espírito para os gatos, tendo a obrigação de tê-los. Como eles estão ligados ao aspecto noturno, consagra-se mais ainda essa união, pois as bruxas só poderiam se reunir durante a noite, longe dos olhos inquisidores da Santa Igreja. Já a cor do gato, durante o período da Caça às bruxas, não tinha importância, valor esse adquirido só nos tempos modernos.

Outros elementos também poderiam ser elencados no quarto de Maria Mucuí, como o urubu, as panelas e, principalmente, o sangue. A morte, o assassinato de crianças, ou mesmo a encomenda da alma, sempre estiveram ligados à bruxaria. Tudo isso nos deixa uma questão: por que ao descrever um estereótipo típico das bruxas, o autor, através da voz do narrador-personagem, chama Mucuí de feiticeira?

Tanto no Brasil Colonial como no período republicano, há uma confusão clara entre feitiçaria e bruxaria. Nossa literatura mesclou a questão sexual e a sensualidade da mulher ao seu caráter maléfico. Como bem nos lembra Ronaldo Vainfas, nessa mistura de sexualidade, catolicismo e imoralidade, pode ter nascido essa feiticeira e bruxa tão brasileira. Aliás,

---

<sup>17</sup> RUSSEL, Jeffrey B. & ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. Tradução Álvaro Cabral & William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

<sup>18</sup> Lavey nos adverte que o vocábulo "Satan" está ligado ao substantivo adversário e não destinado somente a um ser sobrenatural ou a um inimigo, um rival. Na versão original LaVey lembra-nos, também, que a palavra de origem inglesa “devil” (diabo), viria do termo indiano devi, que faz alusão ao próprio “deus”. Ver: LAVEY, Anton Szandor. *La Biblia Satanica*. Madrid: Martinez Roca, 2008, p.35.

*[...] havia desejos e costumes heterodoxos socialmente inseparáveis da religiosidade popular, moralidades ligadas a crenças e rituais “profanos” que praticamente impossibilitam ao historiador a demarcação da fronteira entre o suposto desvio moral e a crença religiosa sincrética. Assim eram, por exemplo, certas “blasfêmias” que maculavam a virgindade de Maria ou sexualizavam Jesus Cristo, falas indicativas de uma vivência profana do sagrado, que, sem necessariamente negar o catolicismo, amalgamam “proposições desonestas” e supostos questionamentos de dogmas.<sup>19</sup>*

Poderíamos, a partir disso, dizer que há uma mistura clara entre religioso e o herético, o pagão, em nosso país. Ficamos no intermédio: entre a bruxa detestada, desonesta e imoral, e a feiticeira que traz não só o questionamento dos dogmas, mas sim o aspecto sexual – sua sensualidade –. Poderíamos, destarte, arriscar um novo conceito como: bruxas-feiticeiras? Tal questão precisaria de um acurado estudo para poder ser respondida, analisando-se não só a nossa literatura, como também nossa tradição religiosa, junto aos nossos aspectos culturais.

O certo é que a dualidade da bruxa ou da feiticeira não se encerra apenas nesse aspecto. Como nos diz Laura de Melo e Sousa, na sua aclamada obra “O diabo na Terra de Santa Cruz”:

*Através delas, buscava-se ora preservar a integridade física, ora provocar malefícios a eventuais inimigos. Tinham portanto função dupla: ofensiva, visando agredir; defensiva, visando preservar, conservar. Todas as camadas sociais se viam às voltas com estes tipos de práticas, sendo sujeito e objeto delas [...] Várias [práticas] refletem inimizades pessoais e conflitos entre vizinhos, tão comuns nas aldeias européias, onde também desencadeavam feitiços e malefícios. Muitas recriaram, em novo contexto, fantasias seculares que povoavam o imaginário europeu.<sup>20</sup>*

---

<sup>19</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.200.

<sup>20</sup> SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo na Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Dessa maneira, Inglês de Sousa recria uma imagem da feiticeira que, mesmo apegada a aspectos regionais, como a língua e os costumes, reflete de maneira ampla a influência européia sobre a nossa literatura. O que chama a nossa atenção é como a criação dessa personagem confronta não só o conservadorismo religioso, mas também o próprio ceticismo. Caminhamos do profano ao sagrado e encontramos entre o céu e a terra uma nova criação do homem: a ciência, o positivismo e a deserção de um Deus.

No entanto, como o narrador é um sujeito religioso, impera a figura máxima do criador. Isso fica claro, quando Antônio começa a se arrepender da imprudência de ter ido ao encontro de Maria Mucoim, como nos relata o narrador em primeira pessoa. Quando atacado pelos animais que estavam no quarto e perseguido pela bruxa, o tenente dobra-se inconscientemente sobre o divino e exclama: “– Jesus, Maria!”. Nesse instante, há um duelo claro entre as duas instâncias, o sublime e o terreno. A leitura nos leva a crer que a feitiçaria, os sortilégios sairiam vitoriosos. A natureza parecia conspirar com Maria Mucoim, pois a fazenda do senhor Ribeiro, na qual Antônio se hospedara, começa a ser inundada pelo rio Paranamiri.<sup>21</sup>

Ledo engano pensar que as trevas se colocariam acima da luz. Sabendo que quem conta o caso é um fervoroso nas coisas de Deus, entendemos que o próprio criador, única pessoa possível de alterar a ordem natural das coisas – no caso uma enchente –, seria o responsável por tudo aquilo, punindo seu filho, o tenente Sousa, por sua descrença tanto nele, como nas suas criações, as criaturas malignas. Desse modo, percebemos que há aqui uma fusão entre Deus e o Diabo, demonstrando que não há separação entre essas duas entidades; todos nasceram à semelhança do pai; não haveria nesse ponto a alegoria do mal indo de encontro à alegoria do bem. Caso exista mesmo uma oposição, essa é marcada entre os dogmas religiosos e o discurso científico, representado pela figura de Antônio de Sousa. Tudo aquilo que estava

---

<sup>21</sup> Aqui percebemos a importância que a “água”, como um elemento simbólico, ganha. Ao mesmo tempo em que ela pode dar cabo da vida do protagonista, pode também purificá-lo. Notamos, novamente, a confluência do divino e do diabólico. Aliás, desde a Gênese, podemos notar que a água refere-se ao nascimento, tanto daquele que crê como dos incrédulos. Para os heróis trágicos, ela sempre está associada ao nascimento: foi à margem de um rio que veio ao mundo Mitra. Já para os cristãos está ligada ao renascimento: Cristo renasceu no Rio Jordão. Enfim, lembremos que para a mitologia o Ovo do Mundo, no qual há o início de tudo, é chocado na água. Ver mais em: CHEVALIER, Jean et al. Dicionário de símbolos. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

acontecendo, como a enchente e a tempestade, poderia ser facilmente explicado pelas leis da ciência. Longe de criar uma nova dicotomia, Religião X Ciência, pode-se ler como o viés científico tem contribuído para a descrença e para a desconstrução de muitos costumes que revelam a nossa identidade. Descrenças que por vezes, na época de Inglês de Sousa, era confundida com a imoralidade ou com a heresia.

Além disso, é importante notarmos como o discurso científico não é soberano e mescla-se a todo o momento com as crenças da região, como já ressaltado. Maria Mucoim, que no início auxiliava um padre e usava a água para purificar os fiéis, no fim do conto usa, segundo o imaginário do narrador, a água como instrumento de punição, de vingança. Como uma Medéia, ela trama a vingança após sentir-se humilhada ou desafiada. Reencontramos assim uma boa apropriação pelos naturalistas não só do seu universo cotidiano, mas de toda uma tradição literária já cristalizada.

Notamos, então, que os escritores naturalistas, e aqui um dos iniciadores desse movimento – Inglês de Sousa –, preocuparam-se, essencialmente, com os temas mais obscuros da alma humana (o profano, o patológico, o misterioso) e talvez, devido a isso, negligenciaram fatos tão importantes da nossa história, como a escravidão e o nascimento da República. Nem é preciso salientar que esse fato talvez esteja em profunda discordância com um dos mentores do naturalismo, Emile Zola. Seu clássico, *O Germinal*, alertou para que nossos escritores tratassem de problemas cabais, como os já citados, que deveriam ter concorrido para desnudar as incongruências do Brasil colonial e republicano. Era necessário, naquele momento, não só recortar o indivíduo (o negro ou o mulato) ou mesmo o meio (o cortiço), mas também realinhá-los com uma narrativa histórica que traria questionamentos que extrapolassem o patológico.

Além disso, sabemos que o homem ou o personagem, sob esse viés naturalista, não está somente a mercê do cientificismo, da hereditariedade e do meio. O personagem, como visto no conto supracitado, fica a serviço das forças sobrenaturais que, na maioria das vezes, ele não consegue controlar. O final medonho do conto revela-nos isso: diante do dilúvio e quase afogando, o protagonista é salvo. Obra do divino ou do tihoso? Não sabemos, pois a feiticeira que estava na nau, vindo resgatar o assustado Antônio de Sousa, poderia estar a mando do Diabo, que também é ordenado pelo Todo Poderoso.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia Básica:

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

HENRY Rousso, In: *Usos & Abusos da História Oral*. Org. Marieta de M. Ferreira e Janina Amado, 1996.

LAVEY, Anton Szandor. *La Biblia Satanica*. Madrid: Martinez Roca, 2008.

LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A universidade e a formação do aluno leitor*. Uberlândia: EDIBRÁS, 2008.

RUSSEL, Jeffrey B. & ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. Tradução Álvaro Cabral & William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

SOUSA, Inglês de. *A feiticeira*. In:\_\_\_*Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.



Bibliografia complementar:

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. 2ª Ed. São Paulo/ Brasília: Hucitec/ Ed. Da UNB, 1993.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.

CARVALHO, Alfredo L.C. de. *Foco Narrativo e Fluxo de Consciência – Questões de Teoria Literária*. São Paulo: Pioneira, 1981.

CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Brasília: MEC/INL, 1972.

NOVINSKY, Anita. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência – em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume Edit, 1998.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto*. Lisboa: Veja, 1983. Revista História Viva – Grandes Temas - nº 12 – Sob as Sombras do Diabo. São Paulo: Dueto Editorial.

VAINFAS, Ronaldo & SOUZA, Juliana Beatriz de. *O Brasil de Todos os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.